



[DOSSIÊ]

Foto: Free-Photos

OS OUTROS DE FLUSSER: DOSSIÊ SOBRE A CORRESPONDÊNCIA DE VILÉM FLUSSER

_DIOGO ANDRADE BORNHAUSEN

_NORVAL BAITELLO JUNIOR

“O outro é sacro não pelo fato de eu me encontrar face a ele, mas de eu me encontrar nele”
(Vilém Flusser)

No dia 12 de maio de 1920 nascia Vilém Flusser, em Praga. 100 anos depois, no presente ano de 2020, dezenas de instituições de ensino, grupos de pesquisas e grupos de artistas de várias partes do mundo dedicam-se a celebrar seu centenário e a debater a atualidade de seu pensamento. Notório por suas formulações que anteciparam os atuais ambientes culturais constituídos pelas novas tecnologias, sua obra oferece instigante contribuição a variadas áreas do saber; Comunicação, Ciências da Cultura, Artes, Design, Fotografia, Filosofia e Linguística são apenas algumas das áreas que se beneficiam pela complexidade do seu pensamento.

Esta marca de transdisciplinaridade – que o fez, por vezes, ser severamente criticado – demonstra que

Dossiê

Os outros de Flusser: Dossiê sobre a correspondência de Vilém Flusser

seu interesse, para além de um único campo disciplinar, estava em refletir profunda e radicalmente sobre os modelos de pensamento que regem as sociedades. Como um engenhoso construtor de cenários, soube realizar diagnósticos exatos sobre as condições vividas em seu tempo e prognósticos assertivos sobre o momento no qual nos encontramos. A diversidade do resultado alcançado exprime-se em centenas de ensaios, livros, conferências, cursos e correspondências que produziu em mais de quarenta anos de intensa atividade intelectual e que agora começam a vir gradualmente a público graças a diversas iniciativas, nas quais se enquadra a presente proposta do Arquivo Vilém Flusser São Paulo, ao iniciar uma série de leituras críticas de sua correspondência ainda inédita.

A totalidade de seus escritos, agora digitalizados e trazidos de volta para o Brasil, cerca de trinta e cinco mil páginas, majoritariamente não publicadas, e especialmente a copiosa correspondência, evidencia a prioridade dada por Flusser em valorizar a interlocução e o compartilhamento das ideias que desenvolvia. Percebe-se uma especial dedicação do autor a sua atividade epistolar. Considerando o contexto intelectual paulistano, no qual conviveu até a década de 70, e seu período de projeção internacional, que se estende até seu falecimento em 1991, Flusser acumulou uma vívida e generosa troca de cartas com estudantes, poetas, filósofos, artistas e quem mais se predispunha a manter um diálogo. Para cada qual, respondia cuidadosamente, zelando por dar continuidade às ideias propostas e submetendo as conversas às suas próprias questões e aos temas que lhe interessavam.

Aproximar-se destes textos permite ter acesso privilegiado aos ambientes dos quais Flusser participou e nos quais buscou se engajar. Em sua amplitude, revelam as inúmeras tentativas de desenvolvimento de conceitos importantes por ele posteriormente publicados, pois contextualizam as motivações que o levaram a pensá-los. Nesse sentido, sua teoria pode também ser observada a partir destes ambientes, considerando os encontros e debates que travou e como cada um de seus correspondentes se tornaram partícipes de seu pensamento. Seja absorvendo e acatando posições, seja procurando convencer seus interlocutores, o diálogo e o aprendizado mútuo eram tidos por Flusser como estratégia metodológica e existencial, como sugerido na supracitada epígrafe.

Debatido em muitos de seus textos, o apreço por essa ideia de “sacralidade” das relações acaba se demonstrando como importante chave de compreensão do seu complexo pensamento e da maneira como buscou se envolver nas diversas áreas em que atuou. Em célebre citação, que posteriormente deu nome à coletânea com algumas de suas entrevistas¹, Flusser afirma que a sobrevivência de si e, portanto, o sentido empregado sobre a vida, está diretamente relacionada ao quanto somos capazes de permanecer na memória dos outros. Desse modo, recorre a uma das máximas judaicas sobre o sentido de permanência para centrar a existência em completa dependência aos vínculos que possui e sobre como será lembrado por isso. A memória, nessas condições, reflete um anseio profundo de permanência física e simbólica da vida.

¹ “We shall the survive in the memory of others” é o título de um conjunto de falas de Flusser, feitas em vídeo e compiladas em um DVD com o mesmo nome. Nelas, Flusser, sob diferentes perspectivas, trata da memória como formadora da codificação humana, separadas entre imagem, texto e imagem técnica.

O caráter religioso implicado nesta memória é utilizado por ele para valorar as relações e ganha em seus textos dimensões muito específicas, seja por aliar a ele o que entende por comunicação, seja por defender nele as estratégias que desenvolveu para combater a absurdidade da vida. Em sua autobiografia filosófica, intitulada em alemão *Bodenlos* (sem chão) ou em português, em sua própria formulação, *Atestado de Falta de Fundamentos*, formaliza com clareza o que significou este caráter junto aos inúmeros diálogos que teve, à importância de suas correspondências e como cada pessoa oferecia a ele uma oportunidade de prática da intersubjetividade. Longe de uma fidelidade descritiva sobre estes interlocutores, ele enaltece justamente a maneira como estes perduraram em sua memória e como com eles buscava o aprendizado. Ao escrever sobre Romy Fink, judeu inglês que conviveu com Flusser em São Paulo, sintetiza estas impressões:

Vira conhecer alguém"é processo melhor designado por"aprender que o outro é irreconhecível". Quanto mais penetro o outro, tanto mais me perco dentro dos seus abismos. Mas tal descrição falsifica a essência do processo. Na realidade, o outro se abre para mim na medida na qual eu me abro para ele. O mistério abismal do outro é revelado pela sucção mútua ("atração"), que é a essência do diálogo entre amigos.²

Colocado sob estes termos, o outro é considerado por Flusser em codependência vinculativa e misteriosa, cujos princípios de identidade e alteridade mutuamente se complementam. Para ele, em outro texto que enfatiza esta atração abismal, tal relação guarda em si o problema central da antropofagia: "como incorporar o outro, e como ser incorporado pelo outro, sem que se perca a diferença de identidade?"³. Escrito em 1982 e dedicado a Dora Ferreira da Silva, o ensaio que apresenta essa reflexão esclarece a profundidade com a qual Flusser via este campo relacional. Intitulado *Ame o teu outro como a ti próprio*, resgata outra face de sua tradição judaica, desta vez a partir da expressão de Hillel, o ancião (70 a.c – 10 d.C.), cujas interpretações são importantes à tradição talmúdica. Nesta lição fica claro o destaque ao "teu outro" em contraposição à leitura cristã, "teu próximo", enfatizando que é no campo da alteridade que guarda-se o amor a Deus.

Ao procurar dar resposta ao dilema antropofágico, Flusser defende que esta diferença implícita na relação com o outro não pode, em seu fim, gerar a objetivação deste outro e nem também sua subjetivação. Observa que tais movimentos, que marcam a diferenciação entre sujeito e objeto, são odiosos, pois, ao fim, tornam-se uma projeção de si sobre qualquer coisa que lhe pareça diferente. O amor em si, ao contrário, se encontraria na imediatividade da relação, sem mediatização, que seria conseguida por meio da "intersubjetividade", categoria mais complexa e interessada em se desvencilhar do universo categórico ao privilegiar o reconhecimento vinculativo.

2 Vilém Flusser. "Dialogue III Romy Fink". In. BOOKS 33_1_BOP ATESTADO DE FALTA DE FUNDAMENTOS. Arquivo Vilém Flusser São Paulo.

3 Vilém Flusser. *Ame ao teu outro como a ti próprio*. M6-SHALOM-05_201_AME TEU OUTRO COMO A TI PROPRIO. In. ESSAYS 2_PORTUGUESE-A_ABER-AUT. Arquivo Vilém Flusser São Paulo.

Encontrada em diferentes momentos em sua obra, a concepção de “intersubjetividade” se caracteriza como um ponto nodal. Em *Pilpul*, texto publicado na Revista *Shalom* em 1981, retoma novamente o Talmud para esclarecer a forma como realizava uma reflexão intersubjetiva sobre o mundo.

É ela uma dança em torno de determinado assunto, que ataca o assunto de múltiplos lados, que se afasta do assunto em múltiplas direções, e que volta sempre de novo sobre o assunto, para lá se chocar com os argumentos provindos de direções diferentes.⁴

Com esta imagem, aqui apresentada como “uma dança”, Flusser nos convoca e provoca continuamente à disponibilidade criativa de nos olharmos e nos envolvermos com as “coisas que nos cercam”, como denominou um de seus livros⁵. Este engajamento intersubjetivo pode então ser observado em seus textos, sejam eles ensaios ou sejam eles cartas, como se fossem um convite a seus leitores e correspondentes, para serem coparticipantes dos diálogos inusitados sobre modos de olhar o mundo. Como por vezes declarou, não pretendia nestes casos ser analisado, tornando-se objeto, mas sim especulado e posto em reflexão em prol da intersubjetividade e da co-criação.

Por considerarmos estes conceitos fundamentais para a compreensão do pensamento de Flusser, reunimos aqui o presente dossiê que a Revista *Líbero* disponibiliza ao público. Pensado a partir do segundo semestre de 2019, período em que as correspondências foram profundamente debatidas no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, o conjunto de textos aqui reunidos reflete parte dos animados embates dos pesquisadores autores dos artigos com Flusser e seus correspondentes.

Desde o início, tomando a obra consagrada de Flusser como referência, tornou-se clara que a indissociabilidade entre vida e obra, característica assumida pelo próprio autor, demonstrava-se com mais evidência em suas correspondências. Não pelo fato de que nas cartas estavam contidos aspectos privados de si, mas sim porque nelas Flusser explicitava seu engajamento pessoal com os conceitos posteriormente publicados. A emotividade e a criticidade com que por vezes se exprime confirma que sua proposta suplantava uma análise meramente objetiva dos fenômenos. Por tal razão, justifica-se a necessidade de contextualizar melhor a importância da relação com o outro e da comunicação intersubjetiva e dialógica.

Os textos aqui apresentados realizam um recorte sobre a correspondência de Vilém Flusser com alguns de seus principais interlocutores brasileiros, vendo neles a possibilidade de encontrar interlocução para seus próprios temas. Os critérios de escolha buscaram testemunhos de temas defendidos por ele nos trinta anos em que viveu no Brasil.

A partir desta perspectiva, no texto “As crateras de Itabira”. Correspondência entre Vilém Flusser e Rodolfo Geiser sobre a ecologia, de Roberta Dabdab, José Eugenio Menezes e Norval Baitello Jr., é apresentada a série de correspondências em que Flusser desenvolve e aprofunda os conceitos de Natureza-Cultura-Lixo e

4 Vilém Flusser (1981). *Pilpul*. M6-SHALOM-09_205_PILPUL. In. ESSAYS 15_PORTUGUESE-P. Arquivo Vilém Flusser São Paulo.

5 Vilém Flusser. *Coisas que me cercam*. In. BOOKS 32_1-COISAS [2332]_COISAS QUE ME CERCAM. Arquivo Vilém Flusser São Paulo.

esclarece sua leitura arqueológica dos fenômenos culturais. Nestes temas, cujo diálogo foi mantido com o engenheiro agrônomo Rodolfo Ricardo Geiser, as concepções de natureza e ecologia se ampliam de modo a tornarem-se um método de aproximação dos ambientes culturais.

Sob esta mesma abordagem arqueológica, o artigo Aspectos do pensamento de Flusser no Brasil a partir de suas cartas, de Amálio Pinheiro e Luiz Moura, apresenta a rica e conturbada correspondência com a poeta Dora Ferreira da Silva, na qual a poesia é tomada como sinônimo de liberdade e como complexa simbologia cotidiana que permite gerar o campo da conversação autêntica. O sentido de escavação neste caso se estabelece a partir da língua, que para Flusser possui estreita relação com a própria realidade, como descrito em seu livro *Língua e Realidade*⁶.

Somado a este período em que Flusser se dedicava à língua, defendia por meio dela sua Teoria da Tradução, que passou a ser assimilada por diversas áreas, como as artes e o direito. A tradução para ele significava a possibilidade de construir pontes sobre os abismos linguísticos e culturais, ou seja, permitia a ele entender com profundidade de que modo o homem é regido por modelos de pensamento e como pode pensar estratégias para, a partir deles, se reinventar. Parte significativa destas criações estiveram em dois campos nos quais Flusser atuou diretamente enquanto vivia no Brasil, as artes e a educação.

Somado a este período em que Flusser se dedicava à língua, defendia por meio dela sua Teoria da Tradução, que passou a ser assimilada por diversas áreas, como as artes e o direito. A tradução para ele significava a possibilidade de construir pontes sobre os abismos linguísticos e culturais, ou seja, permitia a ele entender com profundidade de que modo o homem é regido por modelos de pensamento e como pode pensar estratégias para, a partir deles, se reinventar. Parte significativa destas criações estiveram em dois campos nos quais Flusser atuou diretamente enquanto vivia no Brasil, as artes e a educação.

Sobre o primeiro, três artigos esclarecem sua relação com os movimentos artísticos que marcaram a segunda metade do século XX no Brasil. Em Gesto, estilo e intersubjetividade na correspondência de Vilém Flusser e Mira Schendel, Icaro Ferraz e Lucas de Castro contextualizam a visão intersubjetiva de Flusser sobre o campo artístico, demonstrado a partir da estreita amizade com Mira Schendel. Já em Bananas: o gesto e a obra artística através das correspondências entre Vilém Flusser e Antonio Henrique do Amaral, Cecília Almeida Salles, Júlia Meireles e Maria Luísa Alencar permitem observar que a arte não era considerada por ele limitada em seu sentido estético, mas incluía também valores éticos e epistemológicos, possíveis de serem encontrados na importante obra de Antonio Amaral e sua tropicalidade nacional lançada em meio à ditadura militar brasileira. Estes sentidos que ultrapassam as categorias tradicionais da arte foram pensados ainda nas proposições de Flusser na Casa da Cor, evento que marcou as discussões sobre arte e design em São Paulo. Nele, Flusser interroga-se sobre a codificação das cores e sua influência sobre os ambientes da comunicação. O texto A cor da teoria. A história e aplicabilidade do código das cores de Flusser, de Lucrécia D'Aléssio Ferrara e Henrique Prado, aborda este interessante episódio do ativismo flusseriano.

⁶ Vilém Flusser. *Língua e Realidade*. In. BOOKS 37_1_LR_876_LINGUA E REALIDADE. Arquivo Vilém Flusser São Paulo.

A interdisciplinaridade em seu pensamento e em sua ação relativas aos fenômenos culturais fazem-se presentes em outras duas iniciativas, a Bienal de Artes de São Paulo e o curso de Comunicação e Humanidades da FAAP em São Paulo. Para tanto, contou com duas importantes interlocuções, seus assistentes Gabriel Borba e Alan Meyer. Estes diálogos são apresentados em Diálogos sobre Arte e Comunicação: a correspondência entre Vilém Flusser e Gabriel Borba, de Lucia Leão e Gabriel Theodoro, e O engajamento: a relação de Flusser com a educação brasileira, de Alex Heilmair e Ana Catarina Santilli. Em ambos os textos percebe-se como a sua vivência no Brasil foi importante para o desenvolvimento de seus trabalhos posteriores, em especial sua Teoria da Comunicação ou Comunicologia. Nela Flusser estrutura uma defesa da comunicação como área marcada pela confluência entre as ciências naturais e do espírito e como campo capaz de transformar o tecido social por meio da educação.

Essas explorações, contudo, foram também marcadas pelos ambientes sociais e históricos vividos por Flusser, tanto em relação ao exílio que foi obrigado a ter após a invasão nazista em Praga, como por ter assistido a ascensão do regime militar no Brasil. Neste último, por buscar o trânsito em diferentes campos disciplinares, Flusser teve a oportunidade de relacionar-se diretamente com forças antagônicas do cenário nacional. Dentre elas, sua participação no Instituto Brasileiro de Filosofia, que reunia importantes pensadores do conservadorismo brasileiro, como Milton Vargas, Vicente Ferreira da Silva e Miguel Reale. Esta correspondência, presente no texto “Divergências são inevitáveis”: 27 anos de correspondências entre Vilém Flusser e Miguel Reale, de Fabio Cypriano e André Naveiro Russo, esclarece parte importante deste capítulo da história de Flusser, que manteve laços estreitos com estes movimentos, mas não sem discordar radicalmente de suas posturas. A continuidade destas colocações são também apresentadas no texto Comunicar-me, o sentido de tudo: as relações entre comunicação, religiosidade e política em correspondência entre Vilém Flusser e José Bueno, entre 1971 e 1974, de Tiago da Mota e Silva e Gustavo Racy, quando Flusser tem a possibilidade de comentar fatos cotidianos desta época, deixando claro que mesmo neles empregava seu sentido de engajamento e sacralidade sobre as experiências.

O conjunto de correspondências aqui apresentado deixa claro o olhar de Flusser sobre o outro e como buscava neste outro recursos para seu próprio pensar. Naturalmente, em meio ao amplo conjunto de cartas disponíveis no Arquivo (preservado graças ao zelo de sua esposa Edith) muitas outras possibilidades de abordagem e muitos outros objetos tiveram de ser reservados a futuras publicações. Contudo, a reunião de reflexões aqui expostas permitiu trazer a público aspectos da obra de Flusser ainda pouco explorados ou mesmo totalmente inexplorados. O presente dossiê teve a intenção de promover esta primeira aproximação e convidar os interessados na obra flusseriana em continuar estes diálogos para novos desdobramentos e novas explorações.

Por fim, a correspondência de Flusser e, em especial sua ênfase na prática da intersubjetividade e do diálogo, nos traz uma lição importantíssima e atualíssima: em um mundo que enxerga atônito o ressurgimento da intolerância, do elogio ao obscurantismo, do orgulho da própria ignorância, da sanha pela eliminação do diferente e do divergente, as cartas de Flusser ecoam como um grave alerta lançado há quarenta, cinquenta

anos, com a força premonitória dos profetas que anunciam as grandes catástrofes. Que consigamos com ele pensar sobre estas emergentes questões.

Boa leitura.